



Leitura

CAROLA SAAVEDRA

Investigação do fazer literário

No romance *O inventário das coisas ausentes*, autora divide a narrativa em dois blocos, *Cadernos de anotações* e *Ficção*, para remontar a história

TEXTO João Cezar de Castro Rocha

Uma forma de apresentar o novo romance de Carola Saavedra consiste em associar duas passagens do texto. Reunidas, por efeito de uma leitura-colagem, elas esclarecem o verso e o reverso do projeto literário da autora. No início do romance, na voz de um “escritor iniciante”, o leitor intui o que não deve esperar: “Eu traçava

planos irresistíveis para um romance de oitocentas páginas, no qual, num trabalho de inovação de linguagem, recontaria toda a história do Brasil”. O hábil emprego do adjetivo, irresistíveis, confirma a dicção irônica, iluminando o ponto de vista adversário.

Por isso, nas últimas páginas de *O inventário das coisas ausentes*, o pacto

ficcional se faz presente: “A história acaba quando somos obrigados a nos livrar dela, para que outro a compreenda e coloque em seu texto uma vírgula ou um ponto final” (120). Cabe ao leitor escolher a pontuação, claro está. Tudo se passa “como se todas as histórias precisassem de uma só história para existir” (121).

No final do livro, a autora literalmente suspende a narrativa no momento de máxima tensão, obrigando o leitor a concluir a trama por si só. Ora, se o efeito é recorrente na obra de Carola Saavedra, constituindo mesmo o norte de sua literatura, em *O inventário das coisas ausentes*, a autora surpreende, em lugar de contentar-se com a repetição do procedimento bem-sucedido. Além de radicalizar seu projeto, ela atinge um domínio novo das estruturas textuais e da depuração da linguagem.

Vejamos: aquelas duas opções não se apresentam como oposições binárias, como acredita certa crítica, ainda hoje encerrada no período heroico do Modernismo. O projeto

que “recontaria toda a história do Brasil” não exclui o “trabalho de inovação de linguagem”. Contudo, e como se fosse um inesperado parangolé de palavras, o texto de Carola Saavedra exige, cada vez mais, que o leitor se transforme em coautor da trama. Ou: como se fosse um dos bichos de Lygia Clark, a exigir o toque desestabilizador do “espectador”, que deve aprender a olhar na ponta dos dedos.


O inventário das coisas ausentes compõe-se de duas partes e a força de sua escrita depende do elaborado jogo de espelhos entre elas. A primeira, *Caderno de anotações* corresponde fielmente ao título. O leitor tem acesso ao laboratório de temas e formas de linguagem experimentados pela autora, como o atleta que aquece os músculos antes do exercício; aliás, imagem que alinhava as duas partes. Daí, a segunda, *Ficção*, apesar de constituir uma unidade própria, potencializa diversos elementos previamente esboçados. Isto é, a história traumática entre pai e filho que sustenta a segunda parte se apropria dos diversos estudos de relações amorosas e familiares esboçados na primeira parte.

Essa breve descrição pode dar uma ideia limitada do texto. Parece que o *Caderno de anotações* reduz-se ao papel de um andaime que permanecesse de pé, mesmo depois do término da construção. A imagem que me ocorre é antes a arquitetura instigante do Centre Georges Pompidou. A fachada do edifício

incorpora as estruturas metálicas, como se fossem andaimes teimosamente integrados ao prédio. Porém, tais estruturas possuem funcionalidade, já que a exposição das vísceras do museu amplia o espaço disponível no seu interior, além de permitir a circulação dos visitantes. Assim, a parte “externa” é elemento formal indissociável da concepção arquitetônica.

Exatamente como as duas partes do romance. Tal disposição é tornada forma literária através da elaboração de uma frase peculiar, cujo ritmo ataca com êxito as pontas do texto.

Transcrevo um exemplo: “Vinte e três anos, por que agora, depois de vinte e três anos?, a pergunta ressoando em minha mente, ele como se me ouvisse, te chamei porque ao contrário das previsões de Luiza, eu estou morrendo, ele anunciou”. O deslizamento de pontos de vista diversos – descrição, fluxo de consciência, diálogo – é notável e já constitui uma dicção característica da autora.

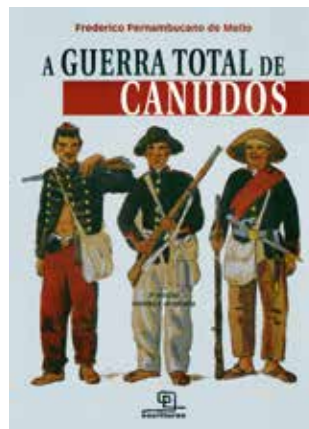
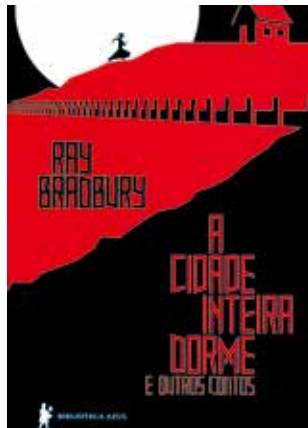
Peço que o leitor verifique por si só: busque, na página 91, o emprego mais radical desse procedimento na frase que principia “Mas quem falou em casamento?,” e continua por 15 linhas, recorrendo a uma pontuação própria, mas não idiossincrática, pois corresponde perfeitamente ao movimento da cena. De igual modo, a primeira parte se transforma imperceptivelmente na segunda, pois sua última palavra, “ficção”, desdobra-se na história que segue. Mas não conclui: o desfecho dependerá sempre de um gesto do leitor. 

FIÇÃO CIENTÍFICA

RAY BRADBURY
A cidade inteira dorme e outros contos

Biblioteca Azul

Ironia e melancolia persistem sob o absurdo das tramas imaginadas por Bradbury. Conhecido pelo distópico romance *Fahrenheit 451*, neste conjunto de 13 contos ele explora situações em que aquilo que chamamos de “ficção científica” acoberta uma observação aguda do comportamento humano, como em *Uma pequena viagem*.



HISTÓRIA

FREDERICO PERNAMBUCANO DE MELLO
A guerra total de Canudos

Escrituras

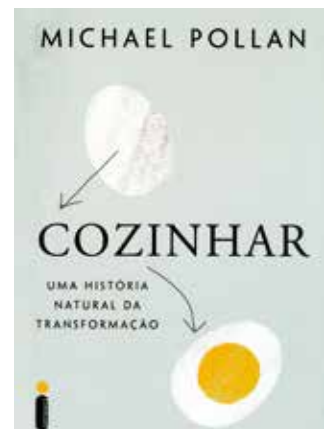
Neste estudo, em sua terceira edição, o historiador busca ampliar suas fontes e detalhar elementos que são de seu interesse, como os militares em combate e as armas usadas na guerra, tanto pelo exército quanto pelos insurgentes.

ALIMENTAÇÃO

MICHAEL POLLANO
Cozinhar – uma história natural da transformação

Intrínseca

O livro do norte-americano Pollano traz uma soma generosa das várias abordagens do tema “culinária” a que temos nos submetido. Ele une história pessoal, história da alimentação e conhecimentos técnicos sobre os processos de cocção num texto empático e inteligente.



CRÔNICA

XICO SÁ
O livro das mulheres extraordinárias

Três Estrelas

Tem gente que desconfia da crônica, esse gênero tão libertário e inclusivo que tem sido exercido pelos mais variados matizes de escritores. Essa desconfiança advém da facilidade muitas vezes expressa por esse tipo de texto, em que graça resulta em banalidade. Vários dos “perfis” de mulheres reunidos aqui por Xico Sá sofrem desse mal.